


# Elementos das tragédias de Sêneca nas *Púnicas* de Sílio Itálico<sup>1</sup>

Elements of the tragedies of Seneca in the *Punica* of Silius Italicus

William J. Dominik

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, Minas Gerais,  
Brasil, Brasil

wjdominik@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-0283-117X>

Classica - Revista Brasileira de Estudos  
Clássicos vol. 38 1 21 2025

Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos  
Brasil

Recepción: 22 Marzo 2025  
Aprobación: 08 Agosto 2025

**Resumo:** As *Púnicas*, de Sílio Itálico, frequentemente consideradas desconectadas das tragédias de Sêneca (e pseudo-Sêneca), revelam, por meio de sua exploração de temas, imagens e léxico, uma relação intertextual notável com essas obras. As *Púnicas* incorporam elementos como o intenso conflito psicológico, o determinismo fatalista e a força destrutiva das emoções, especialmente a *ira* (“ira”) e o *furor* (“fúria”), que moldam tanto as ações dos personagens como a narrativa. Esses elementos e emoções refletem o tom trágico de Sêneca, particularmente em sua abordagem do destino, da vingança e das consequências morais das paixões descontroladas. A conexão entre as *Púnicas* e a tragédia senequiana (e pseudo-senequiana) é evidente no episódio programático de Sagunto, em que a *ira* e a violência extrema, além da presença de forças sobrenaturais como a fúria Tisífone, evocam várias tragédias de Sêneca. A simbologia da *flamma* (“chama”), presente no incêndio de Sagunto e na autoimolação de Tiburna, bem como a figura de Aníbal, com sua crueldade e desafio aos deuses, remetem aos tiranos trágicos de Sêneca, como Atreu. Ao entrelaçar elementos épicos, trágicos e históricos, Sílio oferece uma reflexão significativa sobre a condição humana que é profundamente enraizada na tradição literária romana.

Palavras-chave: Sílio Itálico, *Púnicas*, Sêneca, tragédia senequiana, Sagunto.

**Abstract:** The *Punica* of Silius Italicus, often regarded as being disconnected from the tragedies of Seneca (and pseudo-Seneca), reveals a remarkable intertextual relationship with these works through its use of Senecan themes, images and *lexis*. The *Punica* incorporates elements such as intense psychological conflict, fatalistic determinism, and the destructive power of emotions, particularly *ira* (“anger”) anger and *furor* (“fury”), which shape both the actions of the characters and the narrative itself. These elements and emotions reflect the tragic tone of Seneca, particularly in his treatment of fate, revenge, and the moral consequences of uncontrolled passions. The connection between the *Punica* and Senecan (and pseudo-Senecan) tragedy is evident in the programmatic episode of Saguntum, where rage and extreme violence, alongside the presence of supernatural forces such as the Fury Tisiphone, evoke several of Seneca’s tragedies. The symbolism of *flamma* (“flame”), present in the burning of Saguntum and in Tiburna’s self-immolation, as well as the figure of Hannibal, with his cruelty and defiance of the gods, evoke the tragic tyrants of Seneca, such as Atreus. By interweaving epic, tragic, and historical elements, Silius offers a profound reflection upon the human condition that is deeply rooted within the Roman literary tradition.

Keywords: Silius Italicus, *Punica*, Seneca, Senecan tragedy, Saguntum.

Apesar da identificação de vínculos da tragédia senequiana com a épica flaviana, as descobertas são modestas, e o tema exige uma investigação mais aprofundada para compreender se, como e em que medida as tragédias de Sêneca, o Jovem, de forma coletiva ou individual, funcionam como intermediárias entre a tragédia grega e a épica flaviana ou, como acrescentaria, simplesmente como um canal direto, por assim dizer, para as *Púnicas* de Sílio Itálico.<sup>2</sup> Peter Davis (2016, p. 57, n. 1) afirma que as *Púnicas* não parecem se envolver de maneira significativa com a tragédia senequiana. Contudo, a épica exibe uma relação intertextual temática, imagética e lexical com as tragédias de Sêneca, como sugerido no episódio programático inicial das *Púnicas* nos livros 1 e 2. É importante destacar que essa abordagem intertextual evidencia um diálogo compartilhado entre as *Púnicas* e a tragédia senequiana.

A intertextualidade, neste contexto, refere-se ao modo como Sílio Itálico reelabora, ressignifica e se apropria de determinados mecanismos poéticos, imagéticos e temáticos das tragédias de Sêneca. Assim, Sílio não realiza uma mera imitação, mas revela uma consciência literária compartilhada que reforça tanto o caráter trágico de sua narrativa quanto a densidade histórica e psicológica de seus personagens. As *Púnicas* ecoam temas, motivos, imagens e frases senequianas, particularmente em sua representação, entre outros, de emoção intensa, conflito psicológico, determinismo fatalista, vingança e desespero como forças motrizes dentro da narrativa. Os personagens de Sílio, por vezes, refletem o tumulto interno característico dos protagonistas senequianos, no qual emoções como *furor* (“fúria”) e *ira* (“ira”) desempenham papéis cruciais na formação de suas ações e no desenrolar dos eventos.

### O episódio de Sagunto

O espetáculo de *furor* e *ira* é particularmente evidente nos dois primeiros livros programáticos das *Púnicas*, no episódio de Sagunto, embora haja outros episódios (como Canas, Zama e Cápua) que também apresentam manifestações dessas emoções. O episódio programático das *Púnicas* não apenas fornece diretrizes e estabelece o tom para a leitura e a compreensão da epopeia como um todo, mas também estabelece o modo narrativo principal pelo qual Sílio Itálico epiciza o passado para representar a realidade contemporânea de Roma, apresenta ao leitor os principais temas e figuras e se conecta com outras cenas da obra (cf. Dominik, 2003; Stock, 2018).<sup>3</sup> Este aspecto programático aplica-se também ao tema desta discussão, visto que o episódio de Sagunto contém ecos da tragédia senequiana que reverberam ao longo de todas as *Púnicas*. A violência, o *furor* e a *ira* que permeiam a destruição de Sagunto representam uma apropriação de determinados mecanismos trágicos presentes nas peças de Sêneca, que se configura como modelo para a representação da tragédia na narrativa épica.

Consistente com esse aspecto programático, a ira surge no final da introdução de Sílio às *Púnicas*:

tantarum causas irarum odiumque perenniseruatum  
studio et mandata nepotibus armafas aperire mihi  
superasque recludere mentes.iamque adeo magni repetam  
primordia motus. 20

As causas de tamanha ira, o ódio preservado com zelo eterno, as armas legadas aos descendentes –é-me lícito abrir os céus e desvendar as mentes divinas. E agora, irei traçar as origens de tão grande tumulto. Fuente: (Sil. Pun. 1.17-20, ed. Delz, 1987,4 tradução minha)

Essa passagem inicial das *Púnicas* destaca a *ira* e o ódio como forças centrais do conflito, com um caráter programático que define o tom da obra. Sílio sugere que a guerra é movida por uma *ira* eterna e herdada, que não é apenas uma emoção temporária, mas uma força contínua que molda a história. Ao focar nesse tema desde o início, o epicista estabelece que o conflito é determinado tanto por forças políticas e históricas quanto emocionais persistentes. Essa *ira*, que é a emoção programática, por assim dizer, das *Púnicas*, é quase imediatamente seguida de referência a Aníbal:<sup>5</sup>

... iterum instaurata capessens 35 arma remolitur; dux  
omnia sufficit unusturbanti terra pontumque mouere  
paranti.iamque deae cunctas sibi belliger induit iras Hannibal  
(hunc audet solum componere fati), sanguineo tum laeta  
uiro atque in regna Latini 40 turbine mox saeuo uenientum  
haud inscia cladum “intulerit Latio, sprete me, Troius”  
inquit “exul Dardanium et, bis numina capta,  
penates ceptraque fundarit uictor Lauinia Teucris, dum  
Romana tuae, Ticine, cadauera ripae 45 non capiant,  
Simoisque mihi per Celtica rurasanguine Pergameo Trebia et  
stipantibus armis corporibusque uirum retro fluat, ac sua  
largostagna reformidet Thrasymennus turbida tabo, dum  
Cannas, tumulum Hesperiae, campumque cruore  
50 Ausonio mersum sublimis Iapyga cernamteque uadi  
dubium coeuntibus, Aufide, ripis per clipeos galeasque uirum  
caesosque per artus uix iter Hadriaci rumpentem ad litora  
ponti”. haec ait ac iuuenem facta ad Mauortia flammata.  
55 ingenio motus audis fideique sinisteris fuit, exsuperans  
astu, sed deuius aequi. armato nullus diuum pudor, improba  
uirtuset pacis despectus honos, penitusque medullis sanguinis  
humani flagrat sitis. his super aeui 60 flore uirens auet

Aegates abolere, parentumdedecus, ac Siculo demergere foedera ponto.dat mentem Iuno ac laudum spe corda fatigat.

... E então [Juno] ergueu novamente as armas e tentou mais uma vez. Um único líder [Aníbal] foi tudo o que ela precisou, enquanto abalava a terra e preparava-se para agitar o mar. Agora, o guerreiro Aníbal vestia toda a ira da deusa. Juno ousou enfrentá-lo sozinho contra o destino. Regozijando-se naquele homem sanguinário e ciente do turbilhão selvagem da destruição que se abateria sobre o reino latino, falou: “O exilado troiano [Eneias], me desprezou, trouxe Troia e os Penates ao Lácio, deuses já prisioneiros duas vezes. O conquistador fundou um reino para os Troianos em Lavínio. Que ele tenha feito isso – desde que as margens do rio Ticino não tenham espaço para os corpos romanos. Que o rio Trébia, obediente a mim, volte pelas terras celtas, bloqueado pelo sangue romano, armas e corpos de homens, tornando-se para mim um rio Simoente de sangue troiano. Que o lago Trasimeno tremadiante de suas próprias águas, turbadas pelo sangue, e eu veja de cima o campo de Canas, túmulo da Itália, e as planícies iápigias afogadas em sangue romano. O rio Áfido, duvidoso de seu curso, com suas margens fechando-se, mal conseguirá passar até a costa Adriática, atravessando escudos, capacetes e membros decepados de homens.” Com estas palavras, inflamou o jovem Aníbal para a guerra. Seu espírito, sedento por conflito, hostil à boa fé, astuto, mas distante da justiça, desdenhava os deuses quando armado, era valente no mal, desprezava a glória da paz. A sede de sangue humano queimava em seus ossos e sua juventude desejava apagar a vergonha das ilhas Egadas, afogar o tratado de paz no mar siciliano. Juno guiou e enfureceu seu coração com esperanças de glória. Fuente: (Sil. Pun. 1.35-63, ed. Delz, 1987, tradução minha)

O efeito desse longo trecho no início das *Púnicas* é associar programaticamente Aníbal a uma figura cujo destino está entrelaçado com a ira divina. A referência à destruição iminente que se aproxima em *turbine... saeua* (“turbilhão selvagem”, *Pun.* 1.41) evoca as imagens violentas e caóticas encontradas na tragédia senequiana, incluindo a frase de Jocasta *turbine insano* (“turbilhão insano”, *Phoen.* 420) nas *Fenícias*, na qual as emoções desenfreadas resultam em consequências devastadoras.

Enquanto o catálogo de derrotas romanas realizado por Juno no extenso trecho citado acima (*Pun.* 1.35-63) remete às descrições apolônicas (*Argon.* 4.477-479), lucanianas (*Phars.* 2.148-159),

valerianas (*Argon.* 2.220-241) e estacianas (*Theb.* 5.207-261) da mutilação de corpos, as várias referências programáticas a *sanguis* (“sangue”, *Pun.* 40, 47, 60; cf. 409), *cruor* (“sangue”, 50) e *caesos artus* (“membros decepados”, 53) neste trecho das *Púnicas* evocam reminiscências programáticas similares de várias tragédias senequianas, por exemplo, no prólogo do *Tiestes*,<sup>6</sup> no qual a deusa Fúria expressa sua intenção de desencadear o caos e o desejo de sangue sobre Atreu, alimentando assim seu desejo de vingança contra Tiestes:

nondum Thyestes liberos deflet suos -et quando tollet?  
ignibus iam subditisspument aena, membra per partes eant  
60discerpta, patruos polluat sanguis focos, epulae instruantur  
- non noui sceleris tibiconuiua uenies. liberum dedimus  
diemtuamque ad istas soluimus mensas famem:ieiunia exple,  
mixtus in Bacchum cruor 65spectante te potetur; inueni  
dapesquas ipse fugeres - siste, quo praeceps ruis?

Ainda não geme Tiestes por seus filhos? Quando a dorenfim o consumirá? Agora, pois, que os caldeirões fervamsobre as chamas, e os corpos sejam retalhados em pedaços. 60Que o sangue inocente das crianças profane o lar ancestral,e aprestai o banquete! Não te achegarás a um crime estranho,mas a um que bem conheces. Hoje, estás livre, tua fomesolta para este festim horrendo. Vai, sacia teu ventre vazio;contempla, enquanto ele bebe, diante de teus olhos, aquele 65cocktail de sangue e vinho. Encontrei um banquete que atétu, se pudesses, evitaria. Basta! Aonde te apressas? Fuente: (Sen. Thy. 58-67, ed. Peiper e Richter, 1902, tradução minha)

As palavras *sanguis* (“sangue”, *Pun.* 40, 47, 60), *cruor* (“sangue”, 65) e *caesos artus* (“membros decepados”, 53), no trecho citado das *Púnicas* (1.35-63), evocam *sanguis* (61), *cruor* (65) e *membra ... discerpta* (60-1) nesse trecho programático do *Tiestes* de Sêneca. Ambos os trechos garantem que o leitor esteja ciente, desde o início, de que o *Tiestes* e as *Púnicas* são mundos nos quais a *ira*, a fúria e a violência desempenham papéis centrais na configuração dos destinos de indivíduos e impérios. A violência, no caso do *Tiestes* e das *Púnicas*, não é apenas uma representação do corpo, mas também da destruição moral e emocional que acompanha o desejo de retribuição. Ambos os textos, ao explorar esses temas, destacam como o sofrimento, ao ser perpetuado, torna-se parte de um destino inevitável, moldando tanto as ações dos personagens como o curso das grandes narrativas históricas.

Um pouco depois da longa citação acima das *Púnicas* (1.35-63), Amílcar convoca seu filho Aníbal para trazer destruição aos romanos:

gens recidiua Phrygum Cadmeae stirpis  
alumnosfoederibus non aequa premit. si fata  
negarintdedecus id patriae nostra depellere dextra,haec tua  
sit laus, nate, uelis. age, concipe bellalatura exitium  
Laurentibus; horreat ortus 110iam pubes Tyrrhena tuos,  
partusque recusente surgente, puer, Latiae producere  
matres.

A raça restaurada dos frígios oprime os descendentes de Cadmo com tratados injustos. Se o destino não permitir que minha mão afaste essa vergonha de nossa terra, então, meu filho, cabe a ti escolher este caminho de glória. Seja rápido em jurar uma guerra que trará destruição aos romanos; que o povo da Toscana já tema teu nascimento. E quando tu te ergueres, que as mães latinas se recusem a trazer seus filhos ao mundo. Fuente: (Sil. Pun. 1.106-12, ed. Delz, 1987, tradução minha)

Essa cena remete a diversos momentos nas tragédias de Sêneca, nos quais uma divindade convoca uma figura humana ou espírito para trazer destruição a outro ser humano ou aos habitantes de uma cidade. Um exemplo notável disso aparece no prólogo do *Tiestes*, quando a Fúria convoca Tântalo para espalhar *ira* (“ira”, 26, 39), *furor* (“fúria”, 27) e *rabies* (“raiva”, 28), incitando a *uiolentia* (“violência”, 33) entre seus descendentes:

ne sit irarum moduspudor ue, mentes caecus instiget  
furor,rabies parentum duret et longum nefaseat in nepotes;  
nec uacet cuiquam uetusodisse crimen: semper oriatur  
nouum, 30nec unum in uno, dumque punitur scelus crescat.  
superbis fratribus regna excidant repetant que profugos;  
dubia uiolentae domus fortuna reges inter incertos  
labet: miser ex potente fiat, ex misero potens 35 fluctu que  
regnum casus assiduo ferat. Ob scelera pulsi, cum dabit  
patriam deus in scelera redeant, sint que tam inuisi  
omnibus, quam sibi; nihil sit ira quod uetitum putet.

Que a ira deles não tenha limites, nem vergonha; que a fúria cega agite suas almas; que a raiva dos pais seja impiedosa, e que o longo caminho do pecado se estenda até os filhos dos filhos; que não seja dado tempo a ninguém para odiar os pecados antigos – que novos sempre surjam, muitos

em um, e que o 30crime, mesmo no meio de seu castigo, aumente. Que os reinoscaiam das mãos de irmãos orgulhosos, e que, por sua vez, chamemos fugitivos de volta; que a sorte vacilante de um lar de violência, com reis em mudança, tenda à queda; da potência à miséria, damiséria ao poder – que isso aconteça, e que o acaso, com suas 35ondas sempre inquietas, carregue o reino adiante. Por causa dos crimes exilados, quando deus os trouxer de volta, ao crime queretornem, e que sejam tão odiosos para todos os homens quanto para si mesmos; que não haja nada que a ira considere proibido. Fuente: (Sen. Thy. 26-39, ed. Peiper e Richter, 1902, tradução minha)

As *Púnicas* e o *Tiestes* exploram o ciclo interminável de violência, vingança e sofrimento, em que o destino e a fúria perpetuam o mal através das gerações. Nas *Púnicas*, Aníbal convoca a destruição sem fim contra os romanos, assim como no *Tiestes*, as Fúrias incitam Tântalo a espalhar o ódio e a violência (cf. Ganiban, 2010, p. 80, n. 31). Em ambos os textos, o crime e o castigo não cessam, mas se amplificam, tornando impossível escapar do ciclo de destruição.

Nas *Púnicas*, *furor* e *ira* surgem como um motivo central no episódio de Sagunto, sendo o furor relacionado a Aníbal no livro 1 das *Púnicas* (683) e aos saguntinos no livro 2 (cf. 614-707) e a *ira*, aos romanos no livro 1 (690). Do ponto de vista lexical, *ira* e *furor* aparecem duas dúzias de vezes nos dois primeiros livros programáticos,<sup>7</sup> o que é significativo tanto em relação à tradição literária com a qual as *Púnicas* se relacionam quanto às questões temáticas e históricas que permeiam a própria épica. Sua repetição destaca as forças emocionais e destrutivas que estão no cerne do conflito; caracteriza figuras como Aníbal como movidas por emoções destrutivas; e oferece um comentário moral sobre as consequências da ambição e da *ira* desenfreadas. Por meio destes termos, *ira* e *furor*, Sílio proporciona uma compreensão mais profunda dos temas das *Púnicas*, mas também dramatiza as guerras púnicas em termos que, pelo menos em alguns aspectos, ecoam os temas, motivos e personagens da tragédia senequiana.

Juno envia Tisífone,<sup>8</sup> de fato, para conspirar com Fides, incitando os saguntinos à destruição, promovendo que se matassem uns aos outros para evitar a escravidão nas mãos dos cartagineses: ela instiga os pais a assassinar seus filhos e os filhos a matarem seus pais e mães (*Pun.* 2.561-79). Nesse ponto da narrativa, a fúria que Tisífone desperta nos saguntinos traz uma das muitas *sententiae* que Sílio insere em sua narrativa, características da tragédia senequiana: *ardua uirtutem profert uia* (“O caminho difícil traz à tona a virtude”, *Sil. Pun.* 2.578; ed. Delz 1987). O uso por Sílio dessa *sententia* estoica e outras *sententiae* ao longo da cena de Sagunto serve para lembrar o

leitor de que a tensão dramática criada nesse episódio espelha aquela do palco trágico. O efeito dramático dessas declarações moralizantes é conectar a narrativa épica das *Púnicas* à complexidade moral da tragédia senequiana, na qual a virtude frequentemente está entrelaçada ao sofrimento, à loucura e à morte. No caso dos saguntinos, eles não agem conforme as instruções de Tisífone até serem possuídos por ela e depois, em um estado de *furor*, resolvem morrer em vez de prolongar suas vidas com desonra. Enganados e possuídos pela Fúria, os saguntinos cometem suicídio em massa, ação e consequências descritas nas últimas cem linhas do livro 2 das *Púnicas* (614-707). Essa cena é um prelúdio ao episódio de Cápua nas *Púnicas* 13, em que uma Fúria se combina novamente com a deusa Fides frenética para derrubar e destruir uma população já derrotada (13.281-95). No episódio de Sagunto, é a fúria Tisífone quem comete o primeiro assassinato (2.614-6). É ela quem força os cidadãos relutantes a cometerem parricídio contra sua vontade (617-9). Sob sua possessão, quase todo tipo possível de parricídio é cometido ou sugerido (614-49, 655-80).

O suicídio em massa dos defensores de Masada, ocorrido em 73/74 d.C., que Flávio Josefo descreve de forma gráfica na *Guerra judaica* (7.389-401), é evocado na cena de Sagunto (cf. Dominik, 2003, p. 488; Hulls, 2018), mas também se percebe um forte eco senequiano. Embora Antoniadis (2018) tenha argumentado sobre a importância dos subtextos estoicos do *Sobre a ira* e do *Hércules furioso*, de Sêneca, nos dois primeiros livros das *Púnicas* e, nesse processo, tenha atraído nova atenção para os elementos estoicos da épica, esses dois primeiros livros também transmitem sentimentos estoicos. Eles refletem temas encontrados nas tragédias de Sêneca e nas pseudo-tragédias senequianas, como a ênfase no controle das emoções, na aceitação do destino, na forma digna de enfrentar a morte e na ação conforme a razão e a virtude. O foco, nesta discussão, está especificamente nas possíveis ressonâncias das tragédias de Sêneca e das pseudo-tragédias senequianas nas *Púnicas*, e não nas obras filosóficas de Sêneca. Por exemplo, em *Sobre a ira*, ele apresenta Aníbal como uma ilustração vívida dos horrores que a *ira* desenfreada pode causar, ao descrevê-lo experimentando um prazer mórbido enquanto observava uma vala cheia de sangue, sublinhando assim como tal fúria pode evoluir para um mal profundo e irremediável (*De ira* 2.5.4-5).

A ideia de uma Fúria incitando uma cidade à loucura nas *Púnicas* alinha-se, de forma geral, com o motivo senequiano presente em suas tragédias, de uma influência sobrenatural e incontrolável sobre o comportamento humano, especificamente na forma de seres como as Fúrias, que provocam os personagens a cometer atos extremos que levam ao caos e à destruição.<sup>9</sup> Nas tragédias de Sêneca, cenas de loucura e violência são recorrentes, como, por exemplo, no *Hércules furioso* e no *Tiestes*. No *Hércules furioso*, Juno, assim como é retratada

nas *Púnicas*, envia uma Fúria, nesta ocasião Megeira, para enlouquecer Hércules. Sob sua influência (cf. *Herc. Fur.* 982-6), Hércules passa a acreditar que sua própria família são seus inimigos, o que resulta no assassinato de sua esposa e filhos em um acesso de loucura. Tal como nas *Púnicas*, a intervenção da Fúria é um catalisador direto para essa tragédia. No *Tiestes*, a sombra de Tântalo é convocada por uma Fúria para inspirar a loucura e a sede de sangue em Atreu (83-6), que cozinha e serve os filhos de Tiestes a ele. Nessas e em outras tragédias,<sup>10</sup> Sêneca utiliza as Fúrias como agentes causadores da loucura e destruição que se seguem, além de representá-las como a personificação do poder implacável do destino e da retribuição divina.

#### Aspectos intertextuais e lexicais

Embora alguns dos ecos gerais de Sêneca possam ser, em última instância, rastreados até a tragédia grega, existem características intertextuais e lexicais específicas que conectam as *Púnicas* à tragédia senequiana. De fato, há diversas palavras emparelhadas ou combinações triplas de palavras presentes nas oito tragédias indiscutíveis de Sêneca que se repetem nas *Púnicas*, embora, por vezes, apareçam invertidas ou em uma ordem diferente dentro do mesmo verso ou em alguns versos. Existem centenas de correspondências lexicais ou quase correspondências entre as tragédias de Sêneca e pseudo-Sêneca e as *Púnicas*, de Sílio Itálico; mais especificamente, são quase 650 correspondências de colocizações duplas e triplas de palavras.<sup>11</sup> Desse total, quase duzentas correspondências ocorrem entre o *Hércules no Eta* de pseudo-Sêneca e as *Púnicas*.<sup>12</sup> Embora o *Hércules no Eta* possa não ser de Sêneca e tenha quase o dobro do comprimento das tragédias mais curtas desse autor, ele possui características que remetem ao estilo senequiano e, assim como a *Otávia* pseudo-senequiana (Ferri, 2003, p. 16-7; Boyle, 2008, p. xiv-xvi), pode ter sido escrito na época Flávia (Buckley, 2014, p. 324, n. 41). Além disso, o elevado número de correspondências lexicais entre o *Hércules no Eta* e as *Púnicas* sugere que algumas das tragédias de Sêneca e o *Hércules no Eta* serviram de fonte lexical para Sílio, possivelmente também como inspiração temática ou imagética, já que a arquitetura narrativa das *Púnicas* espelha as tragédias de Sêneca em sua preferência por expressões dramáticas, muitas vezes hiperbólicas, de *páthos* e ambiguidade moral. De fato, o uso de determinados mecanismos poéticos revela uma intertextualidade permanente, na qual expressões como *flamma* (“chama”), *cruor* (“sangue”) e *caesi artus* (“membros decepados”) partilham do estilo emotivo, intenso e teatral da tragédia senequiana. Dessa forma, o texto de Sílio revela uma consciência compartilhada da tradição literária, afirmando-se como um poeta que dialoga tanto com o épico quanto com a tragédia. Isso se evidencia, por exemplo, na imagem-símbolo de *flamma* ao longo das *Púnicas*.

#### Imagens

Em determinados episódios – particularmente no de Sagunto – o uso de *flamma* (“chama”) revela uma intertextualidade que aproxima o estilo de Sílio Itálico ao de Sêneca, na medida em que a violência das chamas, a destruição da cidade e o destino de seus moradores estão intrinsecamente associados às representações desse elemento em tragédias senequianas como *Tiestes*, *Fedra* e *Hércules furioso*. De fato, a imagem-símbolo de *flamma* no episódio de Sagunto evoca uma reminiscência geral de Sêneca, uma vez que *flamma* e *ignis* são utilizados, por exemplo, para descrever a *ira* ardente de Medeia e o seu uso do fogo em sua magia destrutiva na *Medeia*. No *Tiestes*, que se centra na vingança horrível de Atreu contra Tiestes, as chamas significam as consequências devastadoras da raiva e do ódio desenfreado; na *Fedra*, *flamma* está associada à paixão proibida de Fedra por seu enteado Hipólito; nas *Fenícias*, a imagética do fogo e das chamas é invocada no contexto da destruição de Tebas; nas *Troianas*,<sup>13</sup> *flamma* serve como imagem-símbolo para o fim catastrófico de uma cidade e de seu povo; *flamma* é usada metaforicamente para descrever a *ira* e a loucura de Hércules no *Hércules furioso*; e, no *Hércules no Eta* pseudo-senequiano, as chamas consomem o corpo de Hércules, parecendo representar tanto a destruição como a transcendência. Das 77 referências a *flamma* no *corpus* senequiano e pseudo-senequiano, mais de um quarto (21) provêm do *Hércules no Eta*, enquanto um sexto (21) das 131 referências a *ignis* no *corpus* aparecem no *Hércules no Eta*.<sup>14</sup> Como se pode observar, a maioria das referências a *flamma* ocorre no *Hércules no Eta*, assim como as colocalizações emparelhadas e triplas de palavras.

Nas *Púnicas*, há mais de uma dúzia de referências nos dois primeiros livros da obra, *flammae* e *ignis* (e suas variantes),<sup>15</sup> as quais, no episódio de Sagunto, simbolizam a destruição da cidade e dos seus habitantes:

ille iacit, totis conisus uiribus aegrumin flammis corpus,  
 densum qua turbine nigro 630exundat fumans piceus  
 caligine uertex.....furit  
 ensis et ignis, 657quique caret flamma, scelerum est locus.  
 erigit atronigrantem funio rogos alta ad sidera nubem.ardet  
 in excelso proceri uertice montis 660arx, intacta prius bellis  
 (hinc Punica castralitora que et totam soliti spectare  
 Saguntum),ardent tecta deum. resplendet imagine  
 flammaeaequor, et in tremulo uibrant incendia ponto.ecce  
 inter medios caedum Tiburna furores, 665fulgenti dextram  
 mucrone armata maritiet laeua infelix ardentem lampada  
 quassanssqualentemque erecta comam ac liuentia  
 planctupectora nudatis ostendens saeua lacertis,ad tumulum  
 Murri super ipsa cadauera fertur, 670qualis, ubi inferni

dirum tonat aula parentisiraque turbatos exercet regia  
manes,Alecto solium ante dei sedemque tremendam Tartareo  
est operata loui poenasque ministrat. arma uiri, multo nuper  
defensa cruore 675imponit tumulo illacrimans manesque  
precata, acciperent sese, flagrantem lampada subdit. tunc  
rapiens letum “tibi ego haec” ait, “optime coniux, ad manes,  
en, ipsa fero”. sic ense recepto arma super ruit et flammam  
inuadit hiatu. 680

Um homem, esforçando-se com toda a sua força, jogou um corpo miserável nas chamas, onde a crista do fogo escuro e 630rolante lança fumaça espessa e uma negritude pegajosa.....A espada e o fogo rugiam, 657e onde não havia chama, havia um lugar para crimes. A pira funerária levantava uma nuvem de fumaça preta até as estrelas. No pico de uma alta montanha, uma fortaleza que as guerras 660passadas haviam poupado está em chamas (daqui os cidadãos estavam acostumados a ver o acampamento púnico, a costa e toda Sagunto); os templos dos deuses estão queimando. O mar brilhava com o reflexo das chamas, e fogos tremeluziam nas águas que se agitavam. No meio do caos do massacre, viu-se Tiburna, armada 665com a espada reluzente de seu marido na mão direita, e na esquerda a infeliz mulher sacudia uma tocha flamejante. Seus cabelos desgrenhados eriçavam-se; seus ombros estavam descobertos; ela exibia seios machucados por golpes cruéis. Avançou sobre os corpos até o túmulo de Murro, assim como quando o palácio do 670pai infernal ressoa com trovões de condenação, e sua raiva realconduz os espíritos à loucura, Alecto, de pé diante do trono dos deuses e do temível assento, serve ao Júpiter do Tártaro e distribui punições. A armadura do seu marido, recentemente recuperada com muito sangue, a chorosa [Tiburna] colocou sobre seu túmulo 675e orou para que os espíritos a aceitassem, enquanto aplicava a tocha flamejante sobre a pira. Então, correndo em direção à morte, ela disse: “A você, meu querido marido, olhe! Eu mesma trago estas armas para os espíritos.” Depois de levar um golpe de sua espada, ela caiu sobre as armas e atacou as chamas com a boca aberta. Fuente: (Sil. Pun. 2.629-31, 657-80, ed. Delz, 1987, tradução minha)

Essa cena de conflagração evoca, de maneira natural, reminiscências de outras cenas de incêndio na poesia romana, incluindo o saque de Troia em *Eneida* 2 (v. 298 et seq.) e a pira de Dido em *Eneida* 4 (v. 661 et seq.; cf. 5.1-5). Contudo, também há cenas similares na

*Farsália*: no livro 2 (v. 534), no livro 6 (v. 135, 179), no livro 7 (v. 261), no livro 8 (v. 160-1, 736-78) e no livro 9 (v. 915-21), destacando-se a batalha naval contra os massilianos em Farsália 3 (v. 681-8), a batalha de *Farsália* no livro 7 (v. 798-814), as piras de Pompeu e seus bens no livro 9 (v. 51-77; v. 141, 175-81) e o cerco de Alexandria no livro 10 (v. 488-508). A cena em Sagunto traz à memória especialmente a cena de Dido em *Eneida* 4. No episódio de Sagunto, Tiburna morre por um golpe autoinfligido de sua espada, assim como Dido, e depois se lança nas chamas (v. 679-80).

Essa cena em Sagunto também lembra o cenário no *Hércules no Eta*, quando Filoctetes acende a pira funerária de Hércules e seu corpo começa a queimar:

tremente pinum dextera ardentem impulit.refugit ignis et  
reluctantur faceset membra uitant, sed recedentem  
Herculesinsequitur ignem. Caucasum aut Pindum aut  
Athon 1730ardere credas: nullus erumpit sonus,tantum  
ingemescit ignis. o durum iecur!Typhon in illo positus  
immanis rogogemuisset ipse quique conuulsam soloimposuit  
umeris Ossan Enceladus ferox; 1735at ille medias inter  
exurgens faces,semiustus ac laniatus, intrepidum tuens:“nunc  
es parens Herculea: sic stare ad roguante, mater” inquit “sic  
deceat fieri Herculem”.inter uapores positus et flammae  
minas 1740immutus, inconcussus, in neutrum latuscorrepta  
torquens membra adhortatur, monet,gerit aliquid ardens.  
omnibus fortem addiditanimum ministris; urere ardentem  
putes.stupet omne uolcus, uix habent flammae fidem,  
1745tam placida frons est, tanta maiestas uiro.nec properat  
uri; cumque iam forti datumleto satis pensauit, igniferas  
trabeshine inde traxit, minima quas flamma occupat,totas  
que in ignes uertit et quis plurimus 1750exundat ignis  
repetit intrepidus ferox.unc ora flammis implet: ast illi  
grauesluxere barbae; cumque iam uoltum minaxappeteret  
ignis, lamberent flammae caput,non pressit oculos ... 1755

Com mão trêmula apliquei o pinheiro flamejante; aschamas recuaram, a tocha resistiu e não tocou seusmembros; mas Hércules seguiu as chamas que seretraíam. Dir-se-ia que o Cáucaso ou Pindo ou Átios 1730estavam em chamas; nenhum som surgiu, a não serque o fogo parecia gemer. Ó coração obstinado! Seimenso Tifão estivesse deitado naquela pira, teriagemido alto, e o feroz Encélado, que sobre seus ombroscarregava o Ossa, arrancado da terra. Mas [Hércules], no 1735meio das chamas rugindo, todo carbonizado e dilacerado,olhou destemido ao redor e gritou: “Agora és mãe verdadeirade Hércules; assim é justo

que devas estar, minha mãe, aolado da pira, e assim é justo que Hércules seja lamentado.”No calor abrasador e nas chamas ameaçadoras, imperturbável, 1740inabalável, sem virar para nenhum lado seus membros torturados, ele encoraja, aconselha, segue ativo, embora em chamas. A todos seus ministros ele dá coragem de alma; dir-se-ia que ele estava todo em fogo para arder. A multidão toda fica em silêncio, maravilhada, e as chamas mal podem 1745crer, tão calmo seu semblante, o herói tão majestoso. E não apressa sua queima; mas quando julgou que coragem suficiente fora mostrada na morte, arrastou de todos os lados os troncos queimando que o fogo menos alimentava, e na massa em chamas ele entrou e procurou onde as chamas 1750saltavam mais altas, todo destemido, desafiador. Por um tempo ele preencheu seu rosto com as chamas. Mas agora sua barba espessa queimava intensamente; e mesmo quando o fogo ameaçador atacava seu rosto e as línguas quentes lambiam sua cabeça, ele não fechou os olhos ... 1755Fuente: ([Sen.] Herc. Oet. 1727-55, ed. Peiper e Richter, 1902, tradução minha)

Aqui, no *Hércules no Eta*, Hércules é literalmente descrito como aquele que “preencheu seu rosto com as chamas” (*ora flammis implet*, v. 1752). No episódio de Sagunto nas *Púnicas*, Tiburna é retratada como tendo recebido um golpe da espada e caído sobre os braços, atacando as chamas com a boca aberta (*ense recepto/ arma super ruit et flammis inuadit hiatu*, 2.679-680), o que, como observa Vignola (2023, p. 95-6; cf. Bernstein, 2017, p. 266 *ad* v. 680), é notavelmente próximo à representação de Hércules por Sêneca.

Aprofundando a conexão entre o episódio de Sagunto, que apresenta seu fundador e protetor Hércules, e o *Hércules no Eta* de pseudo-Sêneca, encontra-se a passagem final nas *Púnicas* 2:

At uos, sidereae, quas nulla aequauerit aetas, ite, decus terrarum, animae, uenerabile uulgus, Elysium et castas sedes decorate piorum.

Mas vós, almas estelares, que nenhuma era igualará, ide, glória do mundo, venerável multidão, para o Elísio e trazei honra às moradas castas dos piedosos. Fuente: (Sil. Pun. 2.696-8, ed. Delz, 1987, tradução minha)

Os saguntinos são descritos como *sidereae animae* (“almas estelares”), o que remete à passagem do *Hércules no Eta* em que Hércules fala após ascender às estrelas:

Quid me tenentem regna siderei poli 1940caeloque  
tandem redditum planctu iubessentire fatum? Parce: iam  
uirtus mihin astra et ipsos fecit ad superos iter.

Por que, quando ocupo os reinos do céu  
estrelado, finalmente restituído ao céu, me ordenas, com teu  
lamento, sentir minha morte? Basta! Pois agora a virtude  
forjou meu caminho para as estrelas e os próprios  
deuses. Fuente: ([Sen.] Herc. Oct. 1940-3, ed. Peiper e  
Richter, 1902, tradução minha)

Aqui, nessa passagem do *Hércules no Eta*, Hércules alude à sua morada nos *regna siderei poli* (“os reinos do céu estrelado”), uma formulação que ressoa com a referência a *siderae animae* (“almas estelares”) nas *Púnicas* 2.696-7 (cf. Vignola, 2023, p. 98-9). Essa alusão nas *Púnicas* ao *Hércules no Eta* sugere que a tragédia precede a epopeia de Sílio Itálico, uma vez que é difícil imaginar que o autor (ou autores) do *Hércules no Eta* pudesse(m) ter sido suficientemente inspirado(s) e influenciado(s) pela referência siliana a ponto de incorporá-la na tragédia (cf. Vignola, 2023, p. 95). Parece mais plausível que a sensibilidade de Sílio à força emocional dos textos trágicos de Sêneca – os quais eram passíveis de encenação e, sem dúvida, efetivamente representados nos palcos (cf. Boyle, 1997, p. 10-2; Davis, 2003, p. 22-7) – tenha levado o epicista a adotar algumas das mesmas estratégias de Sêneca (e de pseudo-Sêneca), conferindo assim à sua narrativa épica uma intensidade trágica acentuada.

### Aníbal

Além de Sílio Itálico utilizar a tragédia senequiana e pseudo-senequiana para algumas de suas representações temáticas e imagéticas no episódio de Sagunto (e em outras partes das *Púnicas*), algumas tragédias de Sêneca servem de inspiração para alguns personagens – ou, ao menos, tipos de personagens – de Sílio, especialmente no episódio de Sagunto, como, por exemplo, a figura do tirano, especificamente Aníbal e Asdrúbal. Em determinados trechos das *Púnicas*, o próprio Aníbal revela uma caracterização que o relaciona ao modelo de tirano senequiano, sendo ele movido pelo *furor*, pelo desejo de violência e pelo destino inexorável de vencer e se perpetuar. A intertextualidade revela-se aqui na maneira como Sílio se apropria de determinados mecanismos presentes nas tragédias de Sêneca para dar forma ao protagonista de seu próprio drama histórico. Nas *Púnicas* como um todo, Aníbal incorpora tanto atributos admiráveis quanto qualidades autodestrutivas (cf. Stocks, 2014, *passim*), mas é de maneira particularmente evidente que ele reflete uma semelhança

com os heróis trágicos de Sêneca, especificamente com a figura do tirano (cf. Vignola, 2022, p. 252).

Em termos de reminiscências gerais, Aníbal, referido como *tyrannus* precisamente no mesmo verso (v. 239) dos livros 1 e 2 das *Púnicas*, evoca o tirano da tragédia senequiana nesses dois primeiros livros programáticos das *Púnicas* pela sua *húbris*, pelo desafio aos deuses, pela crueldade, pela brutalidade, pela ambição implacável e pela autodestruição, bem como obsessão pela vingança. As figuras e os episódios envolvendo personagens tirânicos na tragédia senequiana são numerosos.<sup>16</sup> Embora seus motivos difiram dos de Aníbal, os tiranos Atreu no *Tiestes*, Lico no *Hércules furioso* e Nero na *Otávia* pseudo-senequiana evocam Aníbal por meio de suas diversas manifestações de crueldade, pela falta de misericórdia e pela adoção da destruição como meio para alcançar seus objetivos.

Em alguns trechos nas *Púnicas* 1, Sílio emprega metáforas marítimas ao descrever Aníbal. Na primeira dessas passagens, Aníbal é comparado no campo de batalha em Sagunto a uma torrente de ondas e vento:

praecipiti dant tela uiam, dant signa uirique, 465atque  
ambae trepidant acies; iacit igneus hastaedirum lumen apex,  
ac late fulgurat umbo,talis ubi Aegaeo surgente ad sidera  
pontoper longum uasto Cauri cum murmure  
fluctussuspendum in terras portat mare, frigida nautis  
470corda tremunt; sonat ille procul flatuque  
tumescenscuruatis puidas tramittit Cycladas undis.

Armas, estandartes e homens cederam seu caminho ao homem[Aníbal], e as linhas de batalha tremeram. A ponta da lançaflamejante lançou uma luz terrível, e seu escudo brilhou portoda parte. Assim, quando o mar Egeu sobe até as estrelas, e aolongo da costa, com o poderoso rugido do vento noroeste, ondascarregam à terra o mar acumulado. Os corações dos marinheirosse tornam frios e tremem; de longe, o vento soa, inchando comrajadas, atravessa as Cíclades assustadas com ondas arqueadas.Fuente: (Sil. Pun. 1.465-71, ed. Delz, 1987, tradução minha)

Um pouco mais adiante nas *Púnicas* 1, o embaixador cartaginês Sícoris faz alusão a Aníbal e seu exército como *spumeus hic... fluctus* (“esta onda espumante”, 1.646), embora Sílio misture suas metáforas ao fazer Sícoris referir-se a ele também como *nascentem... flammam* (“a chama que ascende”, 1.651):

spumeus hic, medio qui surgit ab aequore fluctus, si prohibere piget, uestras effringet in urbes. an tanti pretium motus ruptique per enses foederis hoc iuueni iurata in bella ruentis creditis, ut statuat superatae iura Sagunto? 650 ocium ite, uiri, et nascentem extinguite flammam, ne serae redeant post aucta pericula curae.

Esta onda espumante, que se ergue no meio do mar, se estiverdes com preguiça de detê-la, arremessará contra as vossas cidades. Ou acreditais que esta recompensa da grande insurreição e a quebrado tratado por espadas, pelo jovem [Aníbal], apressado na guerra que jurou travar, é estabelecer leis sobre Sagunto conquistada? 650 Ide rapidamente, homens, e apagai a chama que ascende, para que o mal não retorne mais tarde, após os perigos terem aumentado. Fuente: (Sil. Pun. 1.646-652, ed. Delz, 1987, tradução minha)

O uso de metáforas marítimas por Sílio ecoa a assimilação de Atreu e Tiestes, feita pela Fúria no *Tiestes* de Sêneca, a mares turbulentos delimitados pelo istmo de Corinto (cf. Manolaraki, 2010, p. 300, n. 52):

... et qui fluctibus illine propinquis Isthmos atque illinc fremitu vicina gracili diuidens terra uada, longe remotos litus exaudit sonos.

... e onde, de um lado e de outro, o istmo rugue com as ondas vizinhas, separando mares próximos por um estreito cordão de terra, enquanto a costa mal ouve os sons distantes. Fuente: (Sen. Thy. 111-4, ed. Peiper e Richter, 1902, tradução minha)

O senso de invencibilidade de Aníbal e a rejeição da autoridade dos deuses nas *Púnicas* 1 são retratados de maneira vívida quando ele jura destruir Roma (v. 114-9). De maneira semelhante, no *Tiestes*, Atreu, em sua busca por vingança, ignora a vontade dos deuses e age como se estivesse acima do julgamento divino. Durante o cerco de Sagunto nas *Púnicas* 2, Aníbal não mostra misericórdia, e sua crueldade é destacada quando ele coloca fogo em Sagunto e massacra seus habitantes (v. 650 et seq.). Da mesma forma, no *Tiestes*, Atreu busca infligir o máximo de destruição e sofrimento ao seu inimigo pessoal, Tiestes.

Aníbal está ciente do poder potencialmente destrutivo das emoções, especificamente da *ira*, como demonstrado em sua declaração preventiva no início das *Púnicas 2*:

notum, quid caede calentibus armis, quantum irae liceat,  
motusue quid audeat ensis.

Sabe-se o que é permitido às armas em brasa de sangue, quanto consente a fúria, ou o que ousa a espada desembainhada. Fuente: (Sil. Pun. 2.21-2, ed. Delz, 1987, tradução minha)

Essa formulação, segundo Bernstein (2017, p. 55 *ad* 2.21-2), não é apenas ciceroniana e lucaniana, mas também senequiana:

arma non seruant modum; nec temperari facile nec reprimi  
potest stricti ensis ira, bella delectat cruor. 405

As armas não conhecem limites; nem a ira de uma espada desembainhada pode ser facilmente contida ou controlada. A guerra se deleita no sangue derramado. Fuente: (Sen. Herc. Fur. 403-5, ed. Peiper e Richter, 1902, tradução minha)

Nessa passagem do *Hércules furioso*, de Sêneca, Lico faz referência à sua perpetração de violência, expressa no assassinato do rei tebano Creonte, elucidando assim as consequências pessoais e políticas da *ira* desenfreada. O contexto é notavelmente distinto daquele do episódio de Sagunto, no qual Aníbal, de maneira estratégica, alavanca sua explicação sobre as consequências bélicas da *ira* como uma ameaça de violência contra os enviados romanos.

A figura trágica de Aníbal nas *Púnicas* também complementa, do lado romano, o papel de um demagogo como Varrão (cf. *Pun.* 8.243 et seq.), cuja ambição, oportunismo e imprudência servem como presságios de desastres militares e conflitos civis em Roma (Dominik, 2003, p. 492-3; Dominik, 2006, p. 114-25 *passim*; Dominik, 2018, p. 280-4). Aníbal, Varrão e Lico compartilham a *húbris*, a *hamartía* que transforma ambição em destruição: Lico pela usurpação violenta em Tebas; Aníbal ao manipular a *ira* como arma contra Roma; e Varrão ao precipitar o desastre de Canas com sua imprudência populista. Em todos, a busca desenfreada pelo poder leva a consequências trágicas, refletindo o descompasso entre ambição e destino.

### Conclusão

Considerando que Sílio Itálico intensifica os aspectos trágicos de sua narrativa épica por meio de uma intertextualidade densa –

apropriando-se, transformando e ressignificando mecanismos temáticos, imagéticos e lexicais das tragédias de Sêneca, o Jovem –, é plausível supor que o público romano tenha reconhecido esses elementos como parte de um diálogo literário compartilhado. De fato, a prevalência de ecos senequianos, como a frequente invocação de *flamma* e a caracterização de Aníbal como um tirano trágico, sugere que os leitores contemporâneos teriam apreciado essa intertextualidade complexa, aprofundando assim seu envolvimento com as *Púnicas* enquanto obra que dialoga simultaneamente com a épica e a tragédia. As reminiscências senequianas nas *Púnicas* manifestam-se não apenas em imagens como *furor*, *ira*, *flamma*, *sanguis*, *cruor* e *caesi artus*, mas também na construção da figura tirânica e em diversos elementos estilísticos, como metáforas dramáticas e *sententiae*. Com esses recursos poéticos, Sílio confere ao episódio de Sagunto uma profundidade trágica e, ao mesmo tempo, estabelece um diálogo inovador com a poética de Sêneca, posicionando assim as *Púnicas*, do ponto de vista genérico, dentro da ampla tradição da literatura romana.

A fusão de épico e tragédia nas *Púnicas* – sem mencionar o componente histórico – não apenas enfatiza a interação entre diferentes gêneros, mas também evidencia como Sílio Itálico constrói sua epopeia de modo a evocar algumas das mesmas emoções e conflitos centrais das tragédias de Sêneca. Por conseguinte, as *Púnicas* emergem como um texto complexo que transcende a mera narrativa histórica ao infundir a história do passado de Roma com as dimensões psicológicas e existenciais características da tragédia senequiana. Esta análise contribui para a compreensão da hibridização genérica e da recepção das tragédias de Sêneca nas *Púnicas*, ampliando os debates sobre a complexa interação entre formas literárias e contextos culturais no período flaviano. Sílio Itálico oferece uma reflexão pungente sobre a condição humana no vasto panorama da história romana, convidando o leitor a experimentar a epopeia não apenas como narrativa, mas como uma vivência dramática carregada de tensões morais, emocionais e políticas.<sup>17</sup>

## Referencias

- ANTONIADIS, Theodore. Intratextuality via Philosophy: Contextualizing Ira in Silius Italicus' Punica 1-2. In: HARRISON, Stephen; FRANGOULIDIS, Stavros A.; PAPANGHELIS, Theodore D. (org.). *Intratextuality and Latin Literature*. Berlim: De Gruyter, 2018. p. 377-96.
- ANTONIADIS, Theodore. Marginalizing Exemplarity? Hercules in Silius Italicus' Punica. In: ARAMPAPASLIS, Konstantinos; AUGOUSTAKIS, Antony; FROEDGE, Stephen; SCHROER, Clayton (org.). *Dynamics of Marginality. Liminal Characters and Marginal Groups in Neronian and Flavian Literature*. Berlim: De Gruyter, 2023. p. 113-36.
- BERNSTEIN, Neil W. (ed.). *Silius Italicus, Punica 2. Edited with an Introduction, Translation, and Commentary*. Oxford: Oxford University Press, 2017.
- BERNSTEIN, Neil W. Silius Italicus' Punica and the Traditions of Greek and Roman Tragedy. In: PAPAIOANNOU, Sofia; MARINIS, Agis (org.). *Elements of Tragedy in Flavian Epic*. Berlim: De Gruyter, 2021. p. 25-41.
- BOYLE, Anthony J. *Tragic Seneca. An Essay in the Theatrical Tradition*. London: Routledge, 1997.
- BOYLE, Anthony J. (ed.) *Octavia. Attributed to Seneca*. Oxford: Oxford University Press, 2008.
- BUCKLEY, Emma. Valerius Flaccus and Seneca's Tragedies. In: HEERINK, Mark; MANUWALD, Gesine (org.). *Brill's Companion to Valerius Flaccus*. Leiden: Brill, 2014. p. 307-325.
- DAVIS, Peter J. *Seneca: Thyestes*. Londres: Duckworth, 2003.
- DAVIS, Peter J. Senecan Tragedy and the Politics of Flavian Literature. In: DODSON-ROBINSON, Eric (org.). *Brill's Companion to the Reception of Senecan Tragedy*. Leiden: Brill, 2016. p. 57-74.
- DIBBERN, Cynthia Helena. *A Eneida e Sílio Itálico: A aemulatio e os heróis de Punica*. 2017. 195 f. Tese (Doutorado em Letras Clássicas) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.
- DOMINIK, William J. Hannibal at the Gates: Programmatising Rome and Romanitas in Silius Italicus, Punica 1 and 2. In: BOYLE, Anthony J.; DOMINIK, William J. (org.). *Flavian Rome. Culture, Image, Text*. Leiden: Brill, 2003. p. 469-97.
- DOMINIK, William J. Rome Then and Now: Linking Together the Saguntum and Cannae Episodes in Silius Italicus' Punica. In:

- NAUTA, Ruurd Robijn; VAN DAM, Harm-Jan; SMOLENAARS, Johannes Jacobus Louis (org.). *Flavian Poetry*. Leiden: Brill, 2006. p. 113-27.
- DOMINIK, William J. The Reception of Silius Italicus in Modern Scholarship. In: AUGOUSTAKIS, Antony (org.). *Brill's Companion to Silius Italicus*. Leiden: Brill, 2010. p. 425-47.
- DOMINIK, William J. Civil War, Parricide, and the Sword in Silius Italicus' *Punica*. In: GINSBERG, Laura Donovan; KRASNE, Darcy Anne (org.). *After 69 CE. Writing Civil War in Flavian Rome*. Berlin: De Gruyter, 2018. p. 271-93.
- FERRI, Rolando (ed.). *Octavia: A Play Attributed to Seneca*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- FUCECCHI, Marco. *Irarum proles: Un figlio de Annibale nei Punica di Sílio Itálico*. *Maia*, v. 44, p. 45-54, 1990.
- GANIBAN, Randall T. Virgil's Dido and the Heroism of Hannibal in Silius' *Punica*. In: AUGOUSTAKIS, Antony (org.). *Brill's Companion to Silius Italicus*. Leiden: Brill, 2010. p. 73-98.
- HULLS, Jean-Michel. A Last Act of Love? Suicide and Civil War as Tropes in Silius Italicus's *Punica* and Josephus's *Bellum Judaicum*. In: GINSBERG, Lauren Donovan; KRASNE, Darcy A. (org.). *After 69 CE. Writing Civil War in Flavian Rome*. Berlin: De Gruyter, 2018. p. 321-40.
- MANOLARAKI, Eleni. Silius' Natural History: Tides in the *Punica*. In: AUGOUSTAKIS, Antony (org.). *Brill's Companion to Silius Italicus*. Leiden: Brill, 2010. p. 293-321.
- NATIVIDADE, Everton da Silva. A Tisífone de Sílio Itálico: Púnicas 2.526-52. *Classica*, v. 23, n. 1, p. 99-116, 2010.
- SENECA. *L. Annaei Senecae tragoediae*. Edição de Rudolf Peiper e Gustav Richter. Leipzig: Teubner, 1902.
- SILIUS ITALICUS. *Punica*. Edição de Josef Delz. Stuttgart: Teubner, 1987.
- STOCKS, Claire. *The Roman Hannibal. Remembering the Enemy in Silius Italicus' Punica*. Liverpool: Liverpool University Press, 2014.
- STOCKS, Claire. Anger in the Extreme? Ira, Excess, and the *Punica*. *Phoenix*, v. 72, p. 293-311, 2018.
- VIGNOLA, Diletta. *Imparare dai peggiori: Il modello dei tiranni senecani nei Punica di Sílio Itálico*. *La Biblioteca di Classico Contemporaneo*, v. 14, p. 247-59, 2022.
- VIGNOLA, Diletta. *Seneca tragico, Seneca epico: La ricezione del teatro senecano nei poemi epici di età flavia*. 2023. 210 f. Tese (Doutorado)

em Literaturas e Culturas Clássicas e Modernas) – Escola de Ciências Humanísticas, Universidade de Gênova, Gênova, 2023.

## Notas

1

Conferência apresentada em 24 de fevereiro de 2025 para o 6º Ciclo de debates do CirceA, na Universidade Federal de Juiz de Fora. Uma versão anterior foi apresentada em 19 de setembro de 2024, no congresso sobre “Greek and Roman Tragedy in Flavian Epic Poetry: Exploring Intersections, Influences and Adaptations Through Literature and Material Culture”, na Academia de Atenas e Universidade Nacional e Kapodistriaca de Atenas. Gostaria de manifestar meus sinceros agradecimentos às organizadoras deste congresso, doutora Angeliki N. Roumpou (Academia de Atenas) e professora doutora Sophia Papaioannou (Universidade Nacional e Kapodistriaca de Atenas), pela oportunidade de participar deste evento.

2

Sobre a recepção de Sílio Itálico na investigação moderna, ver Dominik (2010).

3

Dominik (2003) menciona a ideia de que o episódio de Sagunto funciona de maneira programática para toda a obra *Púnicas*. Stocks (2018) argumenta que a ira e as imagens violentas do episódio de Sagunto reiteram-se ao longo da épica. O tratamento de Stocks (2018) sobre o episódio de Sagunto, incluindo Aníbal, preocupa-se com a ira e suas conexões com a filosofia senequiana, e não com as tragédias de Sêneca, que é o foco desta discussão, embora ela reconheça que “Silius was influenced by Senecan tragedy” (p. 299, n. 22).

4

Todos os textos citados contêm pequenas alterações na ortografia, na capitalização de letras e na pontuação.

5

Sobre Aníbal nas *Púnicas*, ver Dibbern (2017).

6

Numa apresentação no dia 20 de setembro de 2024, durante o congresso “Greek and Roman Tragedy in Flavian Epic Poetry”, em Atenas, Francesco Cannizzaro chamou atenção, independentemente das minhas observações apresentadas neste artigo no mesmo congresso, para a relevância do *Tiestes*, de Sêneca, bem como do *Hércules furioso*, também de Sêneca, e do *Hércules no Eta*, de pseudo-Sêneca, na leitura das *Púnicas* 1-2.

7

Ira: *Pun.* 1.17, 38, 101, 147, 169, 410, 451, 515, 690; *furor*: *Pun.* 2.22, 45, 55, 139, 203, 208, 239, 242, 280, 328, 529, 539, 563, 619, 672.

8

Sobre o retrato de Tisífone nas *Púnicas*, ver Natividade (2010).

9

Antoniadis (2023, p. 121; cf. p. 124) afirma que os temas de resistência, loucura e suicídio intrafamiliar se manifestam tanto no episódio de Sagunto como na obra *Hércules furioso*, de Sêneca.

10

Cf. Bernstein (2017, p. 250 *ad* 609-31), que cita referências a uma Fúria no *Hércules furioso* (87-8, 982), no *Tiestes* (96-7) e na *Medeia* (961-2) ao discutir Tisífone.

11

Minhas observações baseiam-se em pesquisas realizadas com o uso de *Tesserae* (<https://tesserae.caset.buffalo.edu/>), tendo as tragédias de Sêneca e pseudo-Sêneca como textos-fonte e as *Púnicas* como texto-alvo. Defino uma correspondência como uma pontuação perfeita em *Tesserae*, equivalente a 10, e uma quase correspondência como uma pontuação de 9. Apesar das limitações de *Tesserae*, que pode deixar de lado aspectos qualitativos da intertextualidade, a ferramenta ainda pode ajudar a revelar conexões entre textos que possam ser difíceis de perceber em análises tradicionais.

12

Esse valor representa trinta por cento das correspondências (ou seja, uma pontuação de *Tesserae* de 10) que ocorrem ao utilizar as tragédias de Sêneca e pseudo-Sêneca como textos-fontes e as *Púnicas* como texto-alvo.

13

Fucecchi (1990) propõe com cautela que certos elementos das *Troianas*, de Sêneca, possam ter influenciado a maneira como Sílio Itálico representa o filho de Aníbal e Imilce nas *Púnicas*.

14

Os números são baseados na minha própria contagem.

15

Flammae: *Pun.* 1.55, 103, 174, 320, 357, 543, 654; 2.268, 316, 514, 536, 586, 630, 663, 680; *ignis*: *Pun.* 1.96, 115, 135, 171, 254, 359, 430, 462, 466, 503, 602, 627; 2.586; cf. *incendia* (e formas variantes): 2.358, 370, 664.

16

Bernstein (2021, p. 34-5, 37) discute o tirano trágico na tragédia senequiana com referência às *Púnicas*, fazendo breves menções ou observações sobre Atreu (p. 34, 37), Liceu (p. 34) e Medeia (p. 35, 37).

17

Gostaria de expressar meu profundo agradecimento à minha colega, professora doutora Charlene Martins Miotti (Universidade Federal de Juiz de Fora), e ao meu cunhado, professor doutor Ubirajara de Oliveira Barroso Júnior (Universidade Federal da Bahia), pela revisão e aperfeiçoamento da minha expressão em português. Registro ainda meus agradecimentos à Lorena Lopes (Universidade Federal do Rio de Janeiro), à professora doutora Júlia Batista Castilho de Avellar (Universidade Federal de Uberlândia), ao professor doutor Daniel Falkemback Ribeiro (Universidade Federal da Bahia), bem como aos pareceristas anônimos, pelas valiosas sugestões construtivas.

### Información adicional

*redalyc-journal-id: 6017*



**Disponible en:**

<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=601782205009>

Cómo citar el artículo

Número completo

Más información del artículo

Página de la revista en redalyc.org

Sistema de Información Científica Redalyc  
Red de revistas científicas de Acceso Abierto diamante  
Infraestructura abierta no comercial propiedad de la  
academia

William J. Dominik

Elementos das tragédias de Sêneca nas *Pûnicas* de Sílio Itálico<sup>1</sup>  
Elements of the tragedies of Seneca in the *Punica* of Silius  
Italicus

*Classica - Revista Brasileira de Estudos Clássicos*  
vol. 38, p. 1 - 21, 2025  
Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos, Brasil  
[editor@classica.org.br](mailto:editor@classica.org.br)

**ISSN:** 0103-4316

**ISSN-E:** 2176-6436

**DOI:** <https://doi.org/10.24277/classica.v38.2025.1137>